



O Derramamento da Chuva Serôdia em Joel 2:23, 28 32: Estudo Escatológico à Luz do Contexto Histórico bíblico e dos Escritos de Ellen G. White

Eduardo Pietrafessa Miranda Filho
e Matheus Brito Fonseca

UNASP

EGR



O Derramamento da Chuva Serôdia em Joel 2:23, 28-32: Estudo Escatológico à Luz do Contexto Histórico-bíblico e dos Escritos de Ellen G. White

Eduardo Pietrafessa Miranda Filho¹

Matheus Brito Fonseca²

Resumo: Este artigo investiga a dimensão escatológica de Joel 2:23, 28-32 à luz do contexto histórico bíblico e dos escritos de Ellen G. White. Fundamentado na Teoria do 7º Século para datação de Joel e na análise da estrutura literária simétrica do livro, o estudo demonstra que a promessa da chuva serôdia funciona como tipo da restauração espiritual escatológica. A exegese revela que o derramamento do Espírito sobre toda carne transcende o contexto agrícola palestino, apontando para manifestação pneumatológica bifásica: cumprimento parcial no Pentecostes como chuva temporã e cumprimento pleno nos eventos finais como chuva serôdia. A interpretação de Ellen G. White estabelece paralelismo entre as chuvas palestinas e as manifestações do Espírito Santo, identificando requisitos espirituais para o recebimento da chuva serôdia, como santificação, unidade eclesial e arrependimento profundo.

Palavras-chave: Joel 2:28-32; Chuva serôdia; Derramamento do Espírito Santo; Ellen G. White; Escatologia adventista.

Abstract: This article investigates the eschatological dimension of Joel 2:23, 28-32 in light of the biblical historical context and Ellen G. White's writings. Based on the 7th Century Theory for Joel's dating and analysis of the book's symmetrical literary structure, the study demonstrates that the latter rain promise functions as a type of eschatological spiritual restoration. Exegesis reveals that the outpouring of the Spirit upon all flesh transcends the Palestinian agricultural context, pointing to a biphasic pneumatological manifestation: partial fulfillment at Pentecost as early rain and complete fulfillment in final events as latter rain. Ellen G. White's interpretation establishes parallelism between Palestinian rains and Holy Spirit manifestations, identifying spiritual requirements for receiving the latter rain, such as sanctification, ecclesiastical unity, and deep repentance.

Keywords: Joel 2:28-32; Latter rain; Outpouring of the Holy Spirit; Ellen G. White; Adventist eschatology.

.....
¹ Graduando em Teologia. Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: eduardo.filho@unasp.edu.br

² Graduando em Teologia. Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: matheus.bfonseca@unasp.edu.br

1. Introdução

O livro profético de Joel apresenta-se como resposta divina a uma catástrofe nacional: a devastadora praga de gafanhotos e a seca que comprometeram a economia agrária de Judá e ameaçaram as ofertas diárias no Templo. Nesse contexto de crise, o profeta Joel convoca o povo ao arrependimento coletivo e proclama uma das mais significativas promessas pneumatológicas das Escrituras: o derramamento do Espírito Santo sobre toda a carne (Jl 2:28-32). A profecia sobre a chuva temporã e serôdia em Joel 2:23, desenvolvida nos versículos 28-32, transcende seu contexto agrícola palestino para configurar-se como promessa central da economia salvífica.

O apóstolo Pedro, recorreu a Joel 2:28-32 para autenticar a experiência da igreja nascente durante o Pentecostes. Contudo, o cumprimento em Atos 2 não esgotou a profecia do oráculo de Joel, permanecendo pendentes os sinais cósmicos associados ao "grande e terrível Dia do Senhor". Esta tensão entre cumprimento inaugural e consumação futura caracteriza o caráter bifásico da profecia. No contexto da teologia adventista, Ellen G. White desenvolveu compreensão escatológica fundamentada na tipologia agrícola de Joel, estabelecendo paralelismo entre as chuvas palestinas e as manifestações do Espírito Santo.

O presente artigo propõe-se a investigar a dimensão escatológica de Joel 2:23, 28-32 à luz do contexto histórico bíblico e dos escritos de Ellen G. White. Serão analisados o contexto bíblico e histórico de Joel para esclarecer a compreensão do texto estudado, uma exegese de Joel 2:23, 28-32 e sua intertextualidade com Atos 2, revisar os escritos de Ellen G. White que citam o texto estudado e condensar sua interpretação escatológica da passagem. A metodologia empregada fundamenta-se na análise exegética com enfoque hermenêutico histórico-gramatical e uma revisão bibliográfica dos escritos de Ellen G. White.

2. Datação de Joel e Contexto Histórico Cultural

A data e o período histórico vividos pelo profeta Joel são temas amplamente discutidos na academia, sob diversas abordagens. Existe uma grande variação de datas propostas, [Hubbard \(1989\)](#) sugere que elas abrangem cerca de setecentos anos, desde o início do século IX a.C. até o período macabeu (c. 175 a 164 a.C.).

Existem várias teorias possíveis para a datação de Joel. A Teoria do 9º Século remete e situa o livro no período da juventude de Joás (c. 835–825 a.C.), o que ajudaria a explicar a ausência de menção a um monarca. O Comentário Bíblico Adventista salienta esse detalhe:

Além disso, pensa-se que seu ministério foi exercido durante os anos que o sumo sacerdote Joiada (a partir de 835 a 796 a.C.)³ atuou como regente do infante rei Joás (2Rs 11:17-12:2), e esse fato explicaria por que o rei não é mencionado em parte alguma do livro, ao passo que, nesse mesmo período, existia o serviço do templo. (2011, p. 7, [acréscimo nosso](#)).

Defensores dessa teoria também observam a condenação de inimigos como Tiro, Sidom, Filístia, Jônios, Egito e Edom, mas a ausência de menção à Assíria, à Babilônia ou à Pérsia ([Hubbard, 1989](#)). Hubbard destaca, em sua pesquisa, outros estudiosos que sugerem um período entre aproximadamente 630 e 500 a.C., pouco antes ou logo após o exílio, em harmonia com os paralelos existentes entre Joel e profetas como Sofonias, Jeremias, Ezequiel e Obadias ([Hubbard, 1989](#)).

A Teoria do 7º Século situa a composição do Livro de Joel no século VII a.C., posicionando o profeta no período pré-exílico tardio, anterior à queda definitiva diante da Babilônia, geralmente entre 630 e 600 a.C. ([Lasor, Hubbard, Bush, 1999](#)). Essa teoria é considerada uma proposta intermediária e promissora entre as diversas hipóteses cronológicas apresentadas pela academia.

Essa datação é justificada pela harmonia com os paralelos encontrados nas obras de outros profetas do final do século VII e VI a.C., como Sofonias, Jeremias e Ezequiel. Sofonias, por exemplo, é situado no reinado de Josias (640–609 a.C.), firmemente no século VII ([Walton, Matthews, Chavalas, 2016](#)).

Diversas datas têm sido propostas para a redação do livro de Joel. A datação adotada neste artigo segue a Teoria do 7º Século, conforme o Comentário Bíblico Adventista, que indica que o livro de Joel foi escrito durante o século VII a.C., em um período anterior à invasão babilônica. O Comentário apresenta a seguinte explicação:

.....
³ THIELE, E. R. **The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings**. 3rd ed. Grand Rapids: Zondervan/Kregel, 1983. p. 12

Esta teoria defende que o ministério de Joel parece se encaixar nos primeiros anos de Josias (a partir 640 a 609 a.C.)⁴, quando o poderio assírio se aproximava de seu fim e a Babilônia ainda era um reino fraco. ([2011, p. 7, acréscimo nosso](#)).

Durante o século VII a.C., o Império Assírio entrava em declínio após a morte de Assurbanípal (c. 627 a.C.), e a Babilônia, sob Nabopolassar, começava a emergir. Esse contexto de transição de impérios cria o pano de fundo para a mensagem de Joel, que adverte sobre o “Dia do Senhor” (יּוֹם יְהוָה, *Yom YHWH*) como julgamento iminente sobre Judá e as nações ([Walton; Matthews; Chavalas, 2016, p. 988](#)).

No cenário desse contexto, pouco se sabe sobre o profeta Joel. Há indícios de que ele possuía algum vínculo oficial com o templo (Jl 1:9, 13, 16; 2:14-17, 32) pois suas profecias revelam familiaridade com as práticas e fórmulas litúrgicas utilizadas no culto ([Hubbard, 1989](#)). Joel dirige suas mensagens aos habitantes de Jerusalém e de Judá; seu horizonte estava limitado à região em torno da cidade santa ([Treves, 1957](#)). O livro demonstra um profundo interesse por Jerusalém, bem como pelo monte Sião, apresentado como o lugar da habitação de YHWH ([Hubbard, 1989](#)).

Inicialmente há um anúncio de desastre, uma devastadora praga de gafanhotos, e essa crise imediata leva a pregação de Joel a acontecer. Conforme aborda Hubbard, a calamidade afetou todos os aspectos da vida, ameaçando as ofertas diárias no templo. O livro convoca o povo ao arrependimento (Jl 1:13-20; 2:12-17) e à humildade no templo como única esperança de livramento ([1989, p. 21](#)).

A crise dos gafanhotos e da seca ocorreu em um período de fragilidade nacional e desafio espiritual ([Hubbard, 1989](#)). Nesse contexto, o povo estava profundamente envolvido no culto do Templo ([Treves, 1957](#)), cuja atividade e fórmulas litúrgicas eram familiares ao profeta.

A catástrofe agrícola (a praga de gafanhotos e a seca) causou severa devastação, que não era hiperbólica, mas real ([Lasor; Hubbard; Bush, 1999](#)), e impediu a apresentação das ofertas de cereais e libações, o que era a maior calamidade para o povo, pois suspendia a relação da aliança e a comunhão com Deus. Essa catástrofe serviu como um aviso urgente de juízo divino, pois a praga era entendida como um castigo pelo descumprimento dos mandamentos de Deus, a desobediência ([Treves, 1957](#)), sendo os gafanhotos o

.....
⁴ THIELE, E. R. **The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings**. 3rd ed. Grand Rapids: Zondervan/Kregel, 1983. p. 12

"grande exército" enviado por YHWH para julgar uma nação. Joel via a praga como um meio divino de correção e purificação do culto e do povo ([Hubbard, 1989](#)).

Em síntese, o livro de Joel reflete uma conjuntura de crise espiritual e social em Jerusalém. Contudo, como bem observa Lasor, Hubbard e Bush: “felizmente, a mensagem de Joel não depende da data” ([1999, p. 407](#)). Assim, independentemente da cronologia exata de sua composição, a profecia aponta para a necessidade constante de arrependimento e restauração. Sua mensagem transcende o tempo histórico, proclamando que o “Dia do Senhor” representa tanto o juízo divino quanto a esperança de renovação para o povo de Deus.

3. Análise da Estrutura Literária e de sua Simetria em Joel 1-2

A primeira metade do livro de Joel (1:2–2:17) é amplamente reconhecida nas fontes como uma unidade dramática que trata da “Praga de Gafanhotos” e do “Dia do Senhor” ([Hubbard, 1989](#)). Alguns estudiosos, como Wolff e Schwesig, veem esta seção (1:1–2:17) como o primeiro movimento principal do livro, denominado “Lamentação”, ou a “Profecia Profética” propriamente dita ([McQueen, 2009, 13](#)).

A busca por simetria e paralelismo é uma característica marcante na análise de Joel. A estrutura de repetição que Joel propõe: “(1) Anúncio de Desastre”, “(2) Chamado ao Arrependimento” e “(3) Atos de Arrependimento” é um modo de dar forma a essa unidade, preparando a transição crucial para a Resposta de Deus que começa em 2:18 ([Wolff, 1977](#)).

3.1 Primeira Sessão (1:1–2:1)

Essa unidade literária pode ser dividida em três partes: os versículos 1:1–12 apresentam o (1) Anúncio de Desastre, caracterizando a devastação da praga de gafanhotos e da seca, eventos cuja memória deve ser transmitida às gerações futuras. A calamidade comprometeu a economia agrária e ameaçou as ofertas diárias no Templo (cereais, vinho novo e azeite). A praga é comparada a uma “nação” (גוי, *goy*)⁵ poderosa e inumerável que invade a terra no versículo 6, conforme detalhado em 2:2-4 ([Seitz, 2016](#)).

.....
⁵ גוי (*goy*), um uso **metafórico e personificador**, aplicado ao **enxame de gafanhotos**. A palavra, normalmente reservada para povos e nações, intensifica a dimensão militar e teológica da praga, apresentando-a como um agente organizado do juízo divino. (Dicionário Bíblico Strong, Nova Concordância Strong Exaustiva, 2002, grifo nosso)

O verdadeiro “inimigo nacional” de Judá não é uma nação estrangeira, mas o próprio juízo de Deus.

Os versículos 1:13-18 compõem a segunda parte, o (2) Chamado ao Arrependimento. Nessa perícopa são apresentados imperativos dirigidos aos sacerdotes: que se cingissem (יִגְרֹוּ, *higrû*) de pano de saco e santificassem um jejum (יִשְׁרֹוּ, *qadšû*)⁶, convocassem (יִקְרְאוּ, *qir’û*) uma assembleia solene. Frequentemente os versículos 1:15–18 são interpretados como o clamor ou a justificativa para o jejum, relacionando o sofrimento presente ao Dia do Senhor (Seitz, 2016). Essa conexão reforça o caráter teológico e espiritual da crise, situando o desastre não apenas como evento natural, mas como manifestação do juízo divino iminente.

A sessão se conclui nos versículos 1:19-2:1 com a terceira parte, os (3) Atos de Arrependimento, na qual o profeta encerra a descrição da calamidade inicial com um clamor individual (Lasor; Hubbard; Bush, 1999). Este é um ato de intercessão, no qual Joel clama ao Senhor por causa do fogo e da seca (Treves, 1957). O toque da trombeta em Sião (Jl 2:1) funciona como um sinal de alerta, demarcando a iminência do Dia do Senhor. Embora esse toque também possa introduzir o ciclo seguinte, ele encerra de maneira enfática esta primeira sessão, intensificando o avanço temático da obra e retomando o anúncio inaugural do Dia do Senhor já indicado em 1:15 (McQueen, 2009).

A análise dessa primeira sessão revela que Joel estrutura o desastre não como um fim em si mesmo, mas como um meio pedagógico para restaurar a consciência teológica do povo. Ao entrelaçar calamidade, convocação e intercessão, o profeta transforma a crise em um chamado ao discernimento espiritual, mostrando que o verdadeiro perigo não é a praga em si, mas a incapacidade de reconhecer a aproximação do Dia do Senhor.

3.2 Segunda Sessão (2:2–2:17)

A segunda unidade literária, em simetria com a primeira, também se subdivide em três partes. A ideia introdutória, nos versículos 2:2-11, constitui o (1) Anúncio de Desastre, apresentando a descrição do exército de destruição, entendido como a própria punição: o exército apocalíptico (Lasor; Hubbard; Bush, 1999). A profecia usa imagens

.....
⁶ שְׂרָו (qdš), em Joel 1:14, a ordem de “santificar um jejum” implica a preparação litúrgica e espiritual da comunidade para uma resposta adequada ao juízo divino. (Dicionário Bíblico Strong, Nova Concordância Strong Exaustiva, 2002)

poéticas vívidas para descrever os gafanhotos como um exército invasor futuro ([Troxel, 2015](#)). Trata-se de uma intensificação do juízo, na qual o Senhor é revelado como o agente que comanda esse exército e profere Sua voz em resposta a desobediência do povo.

Embora as metáforas militares sugiram uma invasão de exércitos humanos, e alguns estudiosos, como Stuart, E. B. Pusey⁷ as interpretam como figuras das “invasões assírias ou babilônicas” ([Word Biblical Commentary, 1988, 233](#)), a maioria das interpretações sustenta que a praga literal de gafanhotos é o fundo constante e o referencial básico da destruição descrita em 2:2-11 ([Hubbard, 1989](#)), essa sessão finaliza com o juízo iminente, o anúncio de desastre que desolará o povo de Israel.

Os versículos 2:12-16 compõem o (2) Chamado ao Arrependimento na segunda sessão, onde o Senhor apela para que o povo se volte para Ele de todo o coração (2:16). Ao mesmo tempo que o apelo é urgente (עַתָּה וְעַתָּה, wěgam ‘attâ - "ainda agora,") ([McQueen, 2009](#)), ainda é fundamentado na natureza compassiva e longânime de Deus.

Assim como na primeira sessão (1:13–18), aqui também surge um chamado ao arrependimento, agora ampliado: toda a comunidade é convocada, anciãos, adultos, jovens, crianças e até mesmo recém-casados (2:16). A inclusão de todas as faixas etárias e estados civis sublinha a natureza abrangente do arrependimento requerido: ninguém está dispensado quando a aliança está em risco ([Seitz, 2016](#)). É nesse ponto que o comentário do *Word Biblical Commentary* destaca a urgência, mostrando que há uma intensificação em comparação com a segunda parte da primeira sessão da convocação:

Os três imperativos do versículo 15 são aqui seguidos por mais quatro, além de um jussivo, NH” “Que... saiam.” As unidades métricas fluem rapidamente em um padrão métrico bastante **curto e entrecortado**, de modo que os versículos 15 e 16, no hebraico, dão ao ouvido a impressão de uma longa série de ordens rapidamente bradadas, como se dissesse: “**Pare tudo! Não perca tempo! Façam isso!**” ([v. 31, 1988, p. 253, tradução e grifo nosso](#)).

Esse estilo literário direto revela a urgência do momento. A rapidez das ordens reflete a proximidade do juízo e a brevidade da janela de oportunidade para o arrependimento. Deus intervém na história exigindo uma resposta imediata de toda a comunidade, que vai além de simples formalidades litúrgicas.

Concluindo a segunda unidade literária, a sessão finaliza com (3) Atos de Arrependimento. O versículo 2:17 é a súplica sacerdotal: הִשָּׁא יְהוָה עָלֵינוּ (hûsā YHWH

.....

⁷ E. B. Pusey chega a igualar os quatro tipos de gafanhotos com as sucessivas invasões da Assíria, Babilônia, Macedônia e Roma (*The Minor Prophets*. Grand Rapids: Baker Book House, 1950.)

‘al ‘ammekā⁸ - “Poupa, Senhor, o Teu povo”) um clamor coletivo que precede imediatamente o oráculo de salvação (2:18–27) de Deus ([Word Biblical Commentary, 1988](#)). Os sacerdotes e ministros devem chorar, clamar em resposta ao arrependimento entre o pórtico⁹ do templo e o altar, implorando para que o Senhor poupe Seu povo para que o nome de Deus não seja escarnecido pelas nações ([Walton; Matthews; Chavalas, 2016](#)).

A análise das duas sessões iniciais (1:13–18 e 2:1–17) revela um movimento teológico claro: diante da devastação iminente e do juízo intensificado, Deus convoca todo o povo a um arrependimento abrangente, urgente e profundamente comunitário ([Troxel, 2015](#)). Tanto na primeira quanto na segunda sessão, o anúncio de desastre, seguido pelo apelo ao retorno e pelos atos de contrição, estabelece o padrão profético de que a restauração divina é precedida por um clamor sincero e coletivo ([Word Biblical Commentary, 1988](#)), o que culmina na súplica sacerdotal ([Seitz, 2016](#)).

Essa volta completa para YHWH e a subsequente manifestação de Sua graça e misericórdia, que restaurou a vida da nação, representa o reavivamento do povo na época do profeta ([Hubbard, 1989](#)).

Essa dinâmica literária e teológica prepara o terreno para o ponto alto do livro: a resposta de Deus ao arrependimento (Jl 2:18), que se manifesta não apenas em restauração agrícola e social, mas na promessa de uma intervenção espiritual inédita ([Lasor; Hubbard; Bush, 1999](#)). É a partir desse eixo, juízo, arrependimento e resposta divina, que irrompe o tema central do restante do livro: a chuva serôdia, apresentada em Joel 2:23 e ampliada em 2:28-32 como símbolo da renovação escatológica, da presença do Espírito ([Troxel, 2015](#)) e da inauguração de um novo momento na história da salvação. As sessões constituem, portanto, a base indispensável para compreender o alcance, a profundidade e o propósito da promessa da chuva serôdia ([Seitz, 2016](#)).

.....
⁸ O verbo חָסַד — hus significa ter compaixão, ter pena, poupar, olhar com misericórdia. É um verbo de raiz primitiva que literalmente carrega a ideia de “cobrir”, no sentido figurado de proteger com misericórdia. (Dicionário Bíblico Strong, **Nova Concordância Strong Exaustiva**, 2002)

⁹ A área que ficava entre o pórtico e o altar era um lugar de acesso limitado. Somente o sacerdote teria motivo para entrar além do altar em direção ao templo. Mas era uma área também usada como cenário de importantes atos públicos. (Walton; Matthews; Chavalas. **Comentário Histórico-Cultural Da Bíblia**, 2016. p.986)

4. Análise Exegética de Joel 2:23, 28-32

A exegese de Joel 2:23 situa o versículo no centro do prolongado oráculo de salvação (2:18–27), que surge como a resposta divina ao arrependimento sincero e coletivo do povo (2:12-17). A estrutura da perícope 2:18-27 lida com a restauração da sorte material e espiritual do povo de Judá ([Lira; Barros; Pereira, 2021](#)). Iniciando-se com uma exortação direta para que os "filhos de Sião" se alegrem e se regozijem, uma inversão total do luto e da humilhação anteriores, e que é imediatamente seguida pela conjunção (כִּי, *kī*), que introduz o motivo da ação de Deus (chuva temporã e a serôdia) ([Word Biblical Commentary, 1988](#)).

Um dos pontos exegéticos de maior complexidade reside na expressão לְצִדְקָה הַמּוֹרֶה (hamôreh lits'dāqâ). O termo *hamôreh*¹⁰ carrega uma ambiguidade semântica entre "a chuva temporã" (referente à chuva de outono, essencial para a sementeira) e "o ensinador" ou "o mestre". Embora tradições como a Vulgata (*doctorem iustitiae*) e a comunidade de Qumran tenham optado por uma leitura messiânica de um "Mestre de Justiça" ([Word Biblical Commentary, 1988](#)), no contexto imediato, a profecia da chuva literal atua como tipo para o antítipo espiritual ([Troxel, 2015](#)). A chuva material em 2:23 é o prelúdio indispensável para a intervenção escatológica ([Troxel, 2015](#)), sinalizando que as bênçãos não se restringem à agricultura, mas apontam para as vindouras "chuvas do Espírito" ([Lira; Barros; Pereira, 2021, p. 210](#)). Embora a possibilidade de tradução possa indicar לְצִדְקָה הַמּוֹרֶה (hamôreh lits'dāqâ) como "ensinador de justiça", esse não será o foco exegético principal do contexto imediato do artigo.

É em Joel 2:28-32 que essa intervenção rompe as barreiras temporais. A promessa do derramamento do Espírito sobre "toda a carne" ([Lasor; Hubbard; Bush, 1999](#)) inaugura a era messiânica, cumprindo o anseio mosaico pela democratização do Espírito (Nm 11:29) e abrangendo todas as classes sociais ([Luna, 2018](#)). Contudo, a função desta profecia é eminentemente escatológica. O derramamento do Espírito não é um fim em si mesmo, mas o sinal precursor do "grande e terrível Dia do Senhor" (v. 31).

.....
¹⁰ O termo hebraico מוֹרֶה (*môreh*) é um homônimo. Em sua acepção traduzida como 'chuva temporã' (em substituição ao termo mais comum, *yôreh*), ocorre apenas três vezes no Texto Massorético: duas vezes em Jo 2:23 e uma vez em Sl 84:6. Nas demais ocorrências no AT (ex: Gn 12:6; Is 30:20), o termo assume o sentido de 'mestre', 'ensinador' ou localidade, o que fundamenta a discussão exegética sobre a ambiguidade intencional do profeta." ([Hubbard, 1989, p.73, tradução nossa](#))

Joel conecta intencionalmente a efusão do Espírito aos sinais cósmicos: "prodígios no céu e na terra, sangue, fogo e colunas de fumaça" (v. 30). Estes não são meras hipérboles poéticas, mas o vocabulário teofânico do Juízo Final. Conforme observa Larry McQueen:

O dia do juízo foi associado ao fogo, ecoando a visão de Joel sobre o exército de Yahweh (Joel 2:3, 5) e os sinais do Dia de Yahweh (Joel 2:30). [...] Por um lado, **estava ligado aos sinais e maravilhas que anunciariam o Dia do Senhor**. Por outro lado, tornou-se um dos sinais e maravilhas da irrupção salvífica de Deus. (2009, p. 67, tradução e grifo nosso).

O fogo e os sinais associam a irrupção salvífica de Deus ao contexto de guerra santa e julgamento universal. [Hubbard \(1996\)](#) nota que tais sinais aludem às pragas do Êxodo, sugerindo que, assim como no passado, os eventos finais envolverão uma distinção clara entre juízo para os ímpios e libertação para o povo de Deus.

O clímax da perícope ocorre no versículo 32, com a promessa de livramento para "todo aquele que invocar o nome do Senhor". No contexto de *yôm YHWH*, "invocar" implica uma lealdade pactual exclusiva e arrependimento profundo. A salvação prometida é para os "sobreviventes" (בְּשָׂרֵי־יָיִם - *śarîdîm*), um remanescente que, fortalecido pelo Espírito, escapa da catástrofe universal ([Hubbard, 1989](#)). Portanto, a pneumatologia de Joel é inseparável de sua escatologia: o Espírito é o agente divino que sela e preserva o remanescente em meio ao juízo final.

No Novo Testamento, essa profecia é enquadrada no contexto do Dia do Senhor Jesus Cristo, associado à Sua segunda vinda como juiz. O derramamento do Espírito aumenta a urgência para a conversão ([McQueen, 2009](#)).

5. O Cumprimento Parcial em Atos 2

A interpretação do discurso de Pedro em Atos 2 constitui o ponto nevrálgico para a compreensão neotestamentária da profecia de Joel 2:23, 28-32 e, conforme observa o *Word Biblical Commentary*, trata-se de uma das nove ocorrências¹¹ em que essa passagem é retomada no Novo Testamento ([1988](#)). A escolha dessa profecia pelo apóstolo é interessante: diante da perplexidade dos judeus com o fenômeno do dom de línguas, Pedro recorre ao Antigo Testamento para autenticar a legitimidade do evento. De acordo com

¹¹ Mt 24:29; Mc 13:24-25; Lc 21:25; At 2:17-21, 39; 21:9; 22:16; Rm 10:13; Tt 3:6; Ap 6:12.

Miguel Luna, a própria estrutura literária de Joel reflete a mensagem de Pedro e do próprio ministério de Cristo:

Pedro inicia sua explicação citando Joel. A estrutura de Joel — arrependimento (2:12-27), derramamento do Espírito (2:28-30) e o Dia do Senhor (2:31-32) — fornece o arcabouço para seu discurso. Essa sequência reflete também o padrão tipológico das festividades e do ministério de Cristo: mensagem de arrependimento, ministério salvífico e juízo final. (2018, tradução nossa)

Ao citar Joel, o apóstolo estabelece equivalência entre a experiência presenciada e a promessa divina do derramamento do Espírito, fornecendo ao público uma chave interpretativa aceita e respeitada (Veloso, 2010).

No entanto, Pedro não faz uma interpretação completa do oráculo de Joel. O contexto profético abrange elementos cósmicos e escatológicos, como o sol escurecido, a lua em sangue e sinais de fogo e fumaça, os quais não se fizeram presentes no Pentecostes. Richards destaca que, mesmo na ausência desses sinais, a aplicação de Pedro não requer a conformidade total da visão (2008). Dessa forma, o apóstolo escolhe e utiliza apenas a parte da profecia que está em sintonia com a experiência sobrenatural que presenciavam.

A interpretação parcial de Pedro evidencia que, para ele, a vinda de Cristo inaugurara os “últimos dias”, compreensão compartilhada pelo restante do Novo Testamento (Hb 1:2; 9:26; 1Co 10:11; 1Pe 1:20) e destacada pelo Tratado de Teologia Adventista:

Da mesma maneira que os primeiros cristãos, Pedro achava que a primeira vinda de Cristo assinalava o início dos últimos dias (Hb 1:2; 9:26; 1Co 10:11; 1Pe 1:20) e aplicava a profecia de Joel à experiência do Pentecostes (At 2:16-21), associando o dom de profecia com o dom de línguas. A profecia de Joel sobre o dom profético vindouro se situa no contexto das chuvas temporã e serôdia (Jl 2:23-32). (Rice, 2011, p. 699).

Nesse sentido, o apóstolo compreende que a promessa de Joel, ao menos em algum aspecto, começava a se cumprir. Keener confirma esse ponto ao observar que Pedro reinterpreta o “depois” de Joel 2:28 como “nos últimos dias”, concluindo que a era messiânica já havia se iniciado, ainda que seu pleno cumprimento permanecesse futuro¹² (Keener, 2014).

.....
¹² Pedro possivelmente emprega uma argumentação do tipo *qal va-homer*: se o Espírito já concedera aos discípulos o dom de falar em línguas que não conheciam, quanto mais poderia conceder dons proféticos ainda maiores (Keener, 2014).

Embora o apóstolo Pedro tenha identificado um cumprimento inicial no Pentecostes (At 2:17-21), ele manteve a tensão escatológica. O derramamento do Espírito inaugura os "últimos dias", mas os sinais cósmicos plenos de Joel 2:30-31 apontam para a consumação futura na Parousia ([McQueen, 2009; Luna, 2018](#)). Logo, a "chuva" do Espírito tem a finalidade de preparar um povo para subsistir a esses eventos finais.

Assim, a profecia possui caráter bifásico: um cumprimento inicial na inauguração da igreja e outro cumprimento futuro no contexto escatológico. Sobre o tema do duplo cumprimento, Veloso afirma:

A profecia, de acordo com a interpretação de Pedro, devia se cumprir em dois momentos específicos: nos últimos dias da nação israelita, como povo de Deus (ou início da igreja cristã) e antes do dia do Senhor, o dia do juízo final. O que estão presenciando é o primeiro cumprimento. [...] Entre esses dois momentos da história cristã, o primeiro derramamento do Espírito Santo (a chuva temporã) e o segundo momento (a chuva serôdia) todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. A salvação vem por meio de Jesus; Ele é o Senhor. ([2010, p. 33,34](#))

À luz da teologia adventista, o Pentecostes é, portanto, tradicionalmente compreendido como o derramamento da chuva temporã, cuja finalidade é inaugurar e fortalecer a missão cristã inicial. Do ponto de vista escatológico, Ellen G. White também distingue estes dois momentos do derramamento do Espírito. A autora afirma que “a igreja cristã iniciou sua existência orando pelo Espírito Santo” ([1908, p.8](#)). Comentando essa frase, Osgood escreveu: “como em seu início, assim terminará sua missão — orando pelo Espírito Santo” ([1973, p. 58, tradução nossa](#)).

Deste modo, a análise do Pentecostes à luz da profecia de Joel e da teologia adventista revela que Atos 2 apresenta um cumprimento parcial, inaugurando a “era do Espírito”, mas não exaurindo as promessas proféticas. É justamente essa perspectiva, fundamentada tanto no texto bíblico quanto nos escritos de Ellen G. White, que orientará a próxima seção deste artigo, dedicada a examinar o derramamento final do Espírito e seu papel na escatologia.

6. A Visão Escatológica Segundo Ellen G. White

Tendo estabelecido o cumprimento parcial registrado em Atos 2, será examinada a forma como Ellen G. White compreende o cumprimento pleno e escatológico da profecia de Joel. Esta seção analisa a visão de White sobre a chuva serôdia como evento

escatológico, suas características distintivas, os requisitos para seu recebimento e seu posicionamento na cronologia adventista dos eventos finais.

6.1 O Cumprimento Duplo da Profecia de Joel: Fundamento Hermenêutico

Ellen G. White estabelece de forma programática o princípio hermenêutico que orienta sua interpretação da profecia de Joel. Em “O Grande Conflito”, ela afirma categoricamente:

Esta profecia recebeu cumprimento parcial no derramamento do Espírito, no dia de Pentecoste. Mas atingirá seu pleno cumprimento na manifestação da graça divina que acompanhará a obra final do Evangelho [...] a grande obra do evangelho não deverá encerrar-se com menor manifestação do poder de Deus do que a que assinalou o seu início ([2021b, p. 8](#)).

Esta declaração revela dois aspectos fundamentais: (1) Primeiro aspecto, o reconhecimento de que o Pentecostes constituiu uma realização genuína, embora incompleta, da promessa de Joel; (2) Segundo aspecto, a expectativa de um cumprimento futuro mais abrangente e definitivo. A autora desenvolve essa compreensão estabelecendo um paralelismo entre o início e o final da dispensação evangélica, sugerindo que Deus opera segundo padrões consistentes que validam tanto o passado quanto o futuro da obra redentora.

White não propõe uma mera repetição histórica, mas intensificação escatológica. A autora emprega consistentemente linguagem comparativa que indica superação:

isto deve ser superado pelo poderoso movimento sob a última advertência do terceiro anjo [...] as profecias que se cumpriram no derramamento da chuva temporã no início do evangelho, devem novamente cumprir-se na chuva serôdia, no final do mesmo ([2021b, p. 533-534](#)).

Esta perspectiva de ampliação progressiva revela que, embora estruturalmente semelhantes, os dois derramamentos diferem significativamente em magnitude, alcance e consequências históricas. A relação entre cumprimento parcial e pleno é de complementaridade orgânica, preservando a unidade teológica da promessa enquanto reconhece suas manifestações históricas distintas.

6.2 A Tipologia Agrícola: Chuva Temporã e Serôdia como Estrutura Pneumatológica

Este fundamento hermenêutico de duplo cumprimento encontra sua expressão mais elaborada na tipologia agrícola empregada por Ellen White. A autora desenvolve

sistematicamente a metáfora das chuvas palestinas como estrutura interpretativa para compreender a economia do Espírito Santo na história da salvação. Conforme explica:

No Oriente a chuva temporã cai no tempo da sementeira. Ela é necessária, para que a semente possa germinar. Sob a influência de fertilizantes aguaceiros, brota o tenro rebento. Caíndo perto do fim da estação, a chuva serôdia amadurece o grão, e o prepara para a foice. O Senhor emprega essas operações da Natureza **para representar a obra do Espírito Santo** (2008a, p. 423, grifo nosso).

A chuva temporã, correspondente ao Pentecostes, desempenha função primordialmente germinativa: "foi dada no início da pregação do evangelho para efetuar a germinação da preciosa semente" (White, 2021b, p. 323). Esta primeira manifestação do Espírito capacitou a igreja nascente, converteu milhares e estabeleceu os fundamentos da comunidade cristã, relacionando-se ao início da vida espiritual, à conversão inicial e ao estabelecimento da fé. Em contraste, a chuva serôdia desempenha função maturadora e consumadora: "será dada em seu final para o amadurecimento da colheita" (White, 2021b, p. 323). "A chuva serôdia, amadurecendo a seara da Terra, representa a graça espiritual que prepara a igreja para a vinda do Filho do homem" (2008a, p. 423).

A interdependência entre as duas manifestações constitui aspecto crucial da tipologia de White. A experiência da chuva temporã torna-se pré-requisito para o recebimento da serôdia: "a menos que a chuva temporã haja caído, não haverá vida; a ramagem verde não brotará" (2008a, p. 423). White desenvolve ainda mais essa tipologia ao vincular as manifestações pneumatológicas ao desenvolvimento orgânico da vida espiritual. Citando Marcos 4:28, ela afirma: "Deve haver 'primeiro a erva, depois a espiga, por último o grão cheio na espiga'. Deve haver um desenvolvimento constante das virtudes cristãs, um avanço constante na experiência cristã" (2008a, p.423). Sobre a transformação do caráter no processo da salvação, White declara:

O amadurecimento do grão representa a terminação do trabalho da graça de Deus na alma. Pelo poder do Espírito Santo deve a imagem moral de Deus ser aperfeiçoada no caráter. Devemos ser completamente transformados à semelhança de Cristo (2008a, p. 423).

Assim, a chuva serôdia não apenas capacita para missão, mas completa a obra de santificação, preparando o povo de Deus para os eventos futuros.

Quadro 1: Comparação Funcional entre Chuva Temporã e Chuva Serôdia

Aspecto	Chuva temporã	Chuva serôdia
Momento Histórico	Pentecostes (31 d.C.)	Eventos Finais
Função Agrícola	Germinação da semente	Amadurecimento do grão
Função Espiritual	Conversão inicial, estabelecimento da fé	Aperfeiçoamento final, preparação para a volta de Cristo
Relação com a Igreja	Nascimento da Igreja Cristã	Preparação final da Igreja Cristã
Objetivo Missionário	Proclamação inicial do Evangelho	Alto clamor, conclusão da obra
Transformação	Início da vida espiritual	Completude da santificação
Interdependência	Fundamento inicial necessário	Depende da experiência anterior

Fonte: Elaborado pelos autores com base em [White, 2008a; 2021b](#).

6.3 A Preparação Coletiva: Unidade, Arrependimento e Oração da Igreja

Ellen White enfatiza consistentemente a dimensão corporativa e eclesiológica da preparação para o derramamento final do Espírito Santo. Esta ênfase encontra fundamento no padrão estabelecido no Pentecostes, onde a manifestação divina seguiu-se a um período específico de preparo coletivo da comunidade apostólica: "a igreja cristã iniciou sua existência orando pelo Espírito Santo" ([1908, p. 8, tradução nossa](#)). White desenvolve essa compreensão ao detalhar a experiência dos discípulos:

Em obediência à palavra de seu Mestre, os discípulos retornaram a Jerusalém, e por dez dias oraram pelo cumprimento da promessa de Deus [...] Esses dez dias foram dias de profundo exame de coração. Os discípulos deixaram de lado todas as diferenças que haviam existido entre eles e se uniram em comunhão cristã ([1908, p.8, tradução nossa](#)).

A conquista da unidade emerge como requisito indispensável. White observa de forma enfática:

Observe que foi depois que os discípulos entraram em **perfeita unidade**, quando não mais disputavam o lugar mais elevado, que o Espírito foi derramado [...] Eles estavam em pleno acordo. **Todas as diferenças haviam sido deixadas de lado** [...] A multidão dos que creram era de um só coração e uma só alma [...] ([1908, p.9, tradução nossa, grifo nosso](#)).

A eliminação de disputas por prestígio, a renúncia à ambição egoísta e a submissão mútua constituem características marcantes da comunidade preparada para o Pentecostes. Aplicando esse padrão ao contexto escatológico, White descreve a igreja do tempo do fim:

Vi uma grande luz repousando sobre eles, e uniram-se destemidamente para proclamar a mensagem do terceiro anjo [...] O povo de Deus foi fortalecido pela excelente glória que sobre ele repousava em grande abundância e o preparou para suportar a hora da tentação ([2007, p. 277](#)).

O arrependimento profundo também constitui um elemento essencial:

A tristeza encheu seus corações ao pensarem em quantas vezes haviam entristecido seu coração de amor por sua incapacidade de compreender as lições que, para o bem deles, Ele havia estado tentando ensinar-lhes [\(1908, p. 8, tradução nossa\)](#).

A preparação coletiva, portanto, envolve elementos interconectados: (1) oração persistente, (2) arrependimento profundo, (3) exame de coração, (4) remoção de diferenças, (5) conquista de unidade e (6) renovação de compromisso missionário. Estes elementos não são opcionais nem periféricos, mas constituem o contexto eclesial apropriado para o recebimento do poder pentecostal escatológico. A igreja preparada para a chuva serôdia será caracterizada pela mesma unidade, humildade e dependência de Deus que caracterizou a igreja apostólica.

6.4 Manifestações Fenomenológicas: Características do Derramamento Final Genuíno

A igreja em unidade e oração torna-se o vaso adequado para manifestações extraordinárias do poder divino. Ellen White descreve com riqueza de detalhes as características específicas que distinguirão o derramamento escatológico do Espírito Santo. A primeira característica saliente do derramamento final é sua magnitude sem precedentes. White estabelece que "isto deve ser superado pelo poderoso movimento sob a última advertência do terceiro anjo" [\(2021b, p. 323\)](#). Referindo-se ao alto clamor, declara: "Vi que esta mensagem se encerrará com poder e força muito maiores do que o clamor da meia-noite (a pregação millerita de 1844)" [\(2007, p. 278, acréscimo nosso\)](#).

Além disso, o derramamento escatológico será acompanhado por manifestações carismáticas visíveis que autenticarão a mensagem proclamada: "Operar-se-ão prodígios, os doentes serão curados" [\(2021b, p. 534\)](#). White especifica: "Grandes prodígios eram operados, doentes eram curados, e sinais e maravilhas seguiam aos crentes" [\(2007, p. 278\)](#), evocando a terminologia neotestamentária para intervenções divinas sobrenaturais.

White reconhece que essas manifestações ocorrerão em contexto de contrafação satânica: "Satanás também opera com prodígios de mentira, fazendo mesmo descer fogo do céu, à vista dos homens" [\(2021b, p. 534\)](#), estabelecendo que o período do alto clamor será caracterizado por confronto sobrenatural entre poder divino autêntico e imitações demoníacas.

Outra característica distintiva do derramamento escatológico é a qualificação especial dos instrumentos humanos. Ellen White estabelece um princípio que inverte valores convencionais: "Os obreiros serão antes qualificados pela unção de Seu Espírito do que pelo preparo das instituições de ensino" [\(2021b, p. 529\)](#). A inversão de expectativas manifesta-se de forma ainda mais radical na utilização de instrumentos improváveis:

Quando os seres celestiais virem que os homens não mais têm permissão de apresentar a verdade, **o Espírito de Deus virá sobre as crianças**, e elas farão, na proclamação da verdade, um trabalho que os obreiros mais idosos não poderão fazer, pois seus passos serão entravados [\(2004b, p. 188, grifo nosso\)](#).

A soberania divina não está limitada por restrições humanas; quando canais convencionais são obstruídos, Deus abre canais alternativos. White identifica características específicas dos instrumentos transformados. Piedade genuína: "Homens de fé e oração serão constrangidos a sair com zelo santo" [\(2021b, p. 529\)](#); transformação visível: "Servos de Deus, dotados de poder do alto, com rosto iluminado e resplandecendo com santa consagração, saíram para proclamar a mensagem provinda do Céu" [\(2007, p. 278\)](#) e uma ousadia santa: "Denodadamente deram a última advertência solene [...] Cada santo, sem temer as consequências, **seguia as convicções de sua própria consciência**" [\(2007, p. 278, grifo nosso\)](#).

Para White, a proclamação final terá dimensões globais: "Por milhares de vozes em toda a extensão da Terra, será dada a advertência" [\(2021b, p. 534\)](#). Ela registra que essa pregação transcenderá barreiras sociais e econômicas: "A luz que se derramou sobre os expectantes penetrou por toda parte, e aqueles, nas igrejas, que tinham alguma luz e que não haviam ouvido e rejeitado as três mensagens, obedeceram à chamada" [\(2007, p. 277, 278\)](#).

Finalmente, o derramamento escatológico será caracterizado por iluminação espiritual extraordinária. White descreve: "Vi uma grande luz repousando sobre eles" [\(2007, p. 277\)](#). Essa luz é uma representação de clareza doutrinal, discernimento espiritual e compreensão profunda da verdade. A iluminação se manifestará em revelação de enganos:

Os pecados de Babilônia serão revelados. Os terríveis resultados da imposição das observâncias da igreja pela autoridade civil, as incursões do espiritismo, os furtivos mas rápidos progressos do poder papal — tudo será desmascarado. Por meio destes solenes avisos o povo será comovido. Milhares de milhares que nunca ouviram palavras como essas, escutá-las-ão. [\(2021b, p. 529-530\)](#).

Ellen White resume: "O povo de Deus foi fortalecido pela excelente glória que sobre ele repousava em grande abundância e o preparou para suportar a hora da tentação" ([2007, p. 278](#)). A glória divina não apenas capacita para proclamação, mas fortalece para resistência no período de provação final.

6.5 Cronologia Escatológica: Posicionamento e Sequência dos Eventos Finais

Em sua literatura, Ellen White apresenta a chuva serôdia como um elemento crucial em uma sequência ordenada de acontecimentos que culminam no retorno de Cristo. Esse evento posiciona-se primariamente no contexto da proclamação da mensagem do terceiro anjo. Ela desenvolve uma progressão teológica:

O movimento adventista de 1840 a 1844 foi uma manifestação gloriosa do poder de Deus; a mensagem do primeiro anjo foi levada a todos os postos missionários do mundo [...] Mas isto deve ser superado pelo poderoso movimento sob a última advertência do terceiro anjo ([2021b, p. 533-534](#)).

O derramamento do Espírito não inaugura a mensagem do terceiro anjo, mas a intensifica dramaticamente. Intimamente associado à chuva serôdia está o fenômeno do "alto clamor" de Apocalipse 18:1-4. White descreve:

Vi então outro poderoso anjo comissionado para descer à Terra, a fim de unir sua voz com o terceiro anjo, e dar poder e força à sua mensagem [...] A mensagem da queda da Babilônia, conforme é dada pelo segundo anjo, é repetida com a menção adicional das corrupções que têm estado a entrar nas igrejas desde 1844 [...] 'Retirai-vos dela, povo Meu' ([2007, p. 277](#)).

A chuva serôdia capacita o povo de Deus para proclamar este chamado urgente de separação, resultando em êxodo massivo: "Os que eram preciosos retiraram-se apressadamente das igrejas condenadas, assim como precipitadamente fora Ló retirado de Sodoma antes de sua destruição" ([2007, p. 278](#)). A sequência prossegue com o selamento final. White estabelece clara relação temporal:

Quando se encerrar a mensagem do terceiro anjo, o povo de Deus terá cumprido a sua obra. Terão recebido a 'chuva serôdia' e estarão preparados para a hora de provação [...] os que se mostraram leais [...] terão recebido o 'selo do Deus vivo' ([2021b, p. 324](#)).

Esta formulação indica que a chuva serôdia precede imediatamente o selamento completo, preparando o povo de Deus para recebê-lo.

Subsequente ao selamento ocorre a cessação da obra mediadora de Cristo no santuário celestial. White descreve: "Então Jesus cessa Sua intercessão [...] e com grande voz anuncia: 'Está feito'" ([2021b, p. 324](#)). Este pronunciamento marca o término da obra

de salvação e o início da angústia de Jacó, período de provação final que antecede a segunda vinda de Cristo.

Esta sequência cronológica revela que a chuva serôdia é um evento catalisador que inicia a cascata de eventos finais. Sua função é preparar o povo de Deus para atravessar os acontecimentos subsequentes.

Diagrama 1: Sequência Cronológica dos Eventos Finais

(1) CHUVA SERÔDIA / ALTO CLAMOR à (2) PROCLAMAÇÃO AMPLIFICADA DA TERCEIRA MENSAGEM à (3) SACUDIDURA: ÊXODO DE BABILÔNIA à (4) SELAMENTO à (5) FIM DA INTERCESSÃO NO SANTUÁRIO à (6) ANGÚSTIA DE JACÓ à (7) SEGUNDA VINDA

Fonte: Elaborado pelos autores com base em [White, 2007; 2021b](#).

6.6 Requisitos Soteriológicos e Espirituais: Condições para o Recebimento da Chuva Serôdia

Ellen G. White não apresenta o derramamento final como um evento automático, mas como manifestação divina que exige preparação deliberada e transformação genuína, abrangendo dimensões caracterológicas, experienciais e volitivas da vida cristã. O requisito fundamental é a santificação. White estabelece categoricamente:

Nenhum de nós jamais receberá o selo de Deus, enquanto o caráter tiver uma nódoa ou mácula sequer. Cumpre-nos remediar os defeitos de caráter, purificar de toda a contaminação o templo da alma. Então a chuva serôdia cairá sobre nós, como caiu a temporã sobre os discípulos no dia de Pentecoste ([2008b, p. 64](#)).

Herbert Douglass esclarece que "o propósito do desenvolvimento do caráter é preparar cristãos para a chuva serôdia e o 'alto clamor'" ([2001, p. 272](#)), estabelecendo que a preparação caracterológica é meio para capacitação missionária. A urgência temporal emerge na declaração: "O caráter não pode ser mudado quando Cristo vier. A edificação do caráter deve realizar-se nesta vida" ([2001, p. 273](#)).

White estabelece um princípio de reciprocidade espiritual entre as duas manifestações pneumatológicas: "Podemos estar certos de que quando o Espírito Santo for derramado, os que não receberam nem apreciaram a chuva temporã, não verão nem compreenderão o valor da chuva serôdia" ([2008a, p. 337](#)). A experiência presente com o Espírito capacita para experiência futura. A dependência permanente de Cristo constitui outro requisito essencial. White adverte:

"A menos que os membros da igreja de Deus hoje estejam em viva associação com a Fonte de todo o crescimento espiritual, não estarão prontos para o tempo da ceifa. A menos que mantenham suas lâmpadas esprevidadas e ardendo, deixarão de receber a graça adicional em tempos de especial necessidade" ([2021a, p. 27](#)).

A consagração total emerge como expressão desta conexão vital entre criatura e criador. A dimensão volitiva manifesta-se na busca intencional e oração persistente. White exorta: "Com suas Bíblias em mãos, digam: 'Fiz conforme disseste. Apresento tua promessa: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á'" ([1908, p. 9, tradução nossa](#)). Finalmente, White estabelece conexão orgânica entre santificação e poder. Douglass sintetiza: "A santificação prepara o cristão para ser salvo para salvar, para a chuva serôdia e para a trasladação" ([2001, p. 273](#)). O caráter transformado torna-se canal apropriado para manifestação do poder divino, estabelecendo que santidade e poder são realidades mutuamente dependentes.

Em síntese, Ellen G. White desenvolve compreensão multidimensional dos requisitos para o recebimento da chuva serôdia. Estes não constituem méritos que ganham a bênção divina, mas condições que possibilitam seu recebimento. A preparação é ao mesmo tempo dom divino e responsabilidade humana, exigindo cooperação ativa com a obra transformadora do Espírito Santo. Somente aqueles que satisfazem estas condições estarão preparados para receber a manifestação final do poder pentecostal e participar do alto clamor que encerrará a proclamação do evangelho eterno.

7. Conclusão

A presente pesquisa teve como objetivo investigar o derramamento da chuva serôdia em Joel 2:23, 28-32, relacionando seu contexto histórico e literário com o cumprimento registrado em Atos 2 e com a compreensão escatológica de Ellen G. White. A adoção da datação da Teoria do 7º Século e a estrutura e análise literária do paralelismo simétrico de Joel 1–2, sendo essa: (1) Anúncio de Desastre (2) Chamado ao Arrependimento e (3) Atos de Arrependimento, permitiram mostrar que a promessa da chuva, inserida na resposta divina em Joel 2:18-32, está intrinsecamente ligada a um arrependimento abrangente e comunitário, e que a restauração material anunciada em Joel 2:23 funciona como tipo da restauração espiritual escatológica ampliada em 2:28-32.

Do ponto de vista exegético, verificou-se que a expressão “chuva temporã e serôdia” em Joel 2:23 sinaliza em primeiro plano, a restauração agrícola de Judá após a

crise da praga de gafanhotos, e em segundo plano no fluxo do livro, prepara o leitor para o derramamento do Espírito sobre “toda carne” e para os sinais que antecedem o grande e terrível Dia do Senhor.

A leitura neotestamentária de Pedro em Atos 2 confirma o caráter bifásico dessa profecia: o Pentecostes inaugura os últimos dias como chuva temporã, sem esgotar, porém, os elementos cósmicos e escatológicos que apontam para um cumprimento pleno no contexto da segunda vinda de Cristo.

Os escritos de Ellen G. White reforçam esse duplo cumprimento ao distinguir entre a chuva temporã, ligada ao início da pregação evangélica, e a chuva serôdia, associada ao poderoso movimento final sob a última advertência do terceiro anjo. Sua interpretação retoma a tipologia agrícola para descrever a obra do Espírito no processo de santificação: a chuva temporã germina a vida espiritual, enquanto a serôdia amadurece o “grão”, completando o desenvolvimento do caráter e preparando o povo de Deus para o selamento e para a crise final.

Ao mesmo tempo, White destaca que o derramamento final requer uma preparação concreta: santificação, abandono de dissensões, unidade eclesiástica, arrependimento profundo e vida de oração perseverante, em continuidade com o modelo de Atos 1–2.

Essa compreensão abre caminhos para pesquisas futuras. Estudos exegéticos e teológico-bíblicos poderiam explorar termos hebraicos presentes no texto original, como *לְצִדְקָה הַמּוֹרָה* (*hamôreh lits'dāqâ*, Jl 2:23) e sua aplicação messiânica, e *שְׂרִידִים* (*sārîdîm*, Jl 2:32) e sua possível ligação com o remanescente fiel. Outras investigações relevantes incluem um estudo aprofundado sobre o cumprimento progressivo das profecias de Joel e a perspectiva neotestamentária sobre o livro, além de uma análise mais detalhada da cronologia escatológica segundo os escritos de Ellen G. White

Por fim, os resultados deste estudo apontam para implicações práticas significativas para a Igreja Adventista contemporânea. Se a chuva serôdia não é um evento mágico que substitui a experiência presente com o Espírito, mas a culminação de um processo de conversão, santificação e missão, então a comunidade crente é chamada a uma preparação intencional que envolva vida devocional sólida, compromisso com a santidade, cultivo da unidade e foco missiológico.

A profecia de Joel, lida à luz de Atos 2 e dos escritos de Ellen G. White, convida a igreja a esperar pela chuva serôdia engajando-se fielmente na missão e na reforma do caráter, na certeza de que a obra do evangelho não se encerrará com menor manifestação do poder de Deus do que aquela que marcou o seu início.

8. Referências Bibliográficas

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CANALE, F. L. **Doutrina de Deus.** In: DEDEREN, R. (ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. Volume 4: Isaías a Malaquias. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013. p. 7.

DOUGLASS, H. **Mensageira do Senhor.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

HUBBARD, D. A. **Joel and Amos: An Introduction and Commentary.** Nottingham: Inter-Varsity Press, 1989. (Tyndale Old Testament Commentaries; v. 25). Disponível: <https://archive.org/details/joelamosintroduc0000hubb>. Acesso em 25 out. 2025

KEENER, C. S. **The IVP Bible Background Commentary.** 2. ed. Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 2014.

LASOR, W. S; HUBBARD, A; BUSH, F. W. **Introdução ao Antigo Testamento.** 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1999.

LIRA, G. S; BARROS, N. C. A. S.; PEREIRA, E. U. **Análise exegética do termo invocar o nome do Senhor em Joel 2:32.** REVISTA LUZEIROS, v. II, n. 2, 2021. Disponível em: <https://luzeiros.faama.edu.br/index.php/revistaluzeiros/article/view/33>. Acesso em: 23 set. 2025.

LUNA, M. **Joel and Peter a Perspective on Eschatology and Mission.** Biblical Research Institute, 2018. Disponível: <https://adventistbiblicalresearch.org/articles/joel-and-peter-a-perspective-on-eschatology-and-mission>. Acesso em 23. set. 2025.

MOURA, H. **Preparo para a Chuva Serôdia:** a caminhada profética do povo de Deus entre o agora e o fim. 6. ed. São Paulo, SP: Silcolor Gráfica e Editora Ltda, 2004

MCQUEEN, L. R. **Joel and the Spirit: The Cry of a Prophetic Hermeneutic.** Cleveland, TN: CPT Press, 2009.

OSGOOD, D. S. **Preparing for the Latter Rain.** 1. ed. Nashville: Southern Publishing Association, 1973

RICE, G. E. **Dons Espirituais** In: DEDEREN, R. (ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011

RICHARDS, L. O. **Comentário Histórico-Cultural do Novo Testamento**. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

SEITZ, C. R. **Joel**. (The International Theological Commentary on the Holy Scripture of the Old and New Testaments) London / New York: Bloomsbury T&T Clark, 2016.

TREVES, M. **The Date of Joel**. *Vetus Testamentum*, vol. 7, no. 2, 1957, pp. 149–56. JSTOR, <https://doi.org/10.2307/1515837>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1515837?read-now=>. Acesso em 23 set. 2025.

TROXEL, R. L. **Joel: Scope, Genre(s), and Meaning**. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2015. (Critical Studies in the Hebrew Bible; 6).

VELOSO, M. **Atos: Contando a História da Igreja Apostólica**. Comentário Bíblico Homilético. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

WALTON, J. H.; MATTHEWS, V. H.; CHAVALAS, M. W. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2016. p. 983-989

WHITE, E. G. **Atos dos Apóstolos**: Ellen G. White Estate, 2021a. Disponível em: <http://www.egw writings.org/ebooks>. Acesso em: 10 nov. 2025.

WHITE, E. G. **Eventos Finais**: Ellen G. White Estate, 2004a. Disponível em: <http://www.egw writings.org/ebooks>. Acesso em: 11 set. 2025.

WHITE, E. G. **O Grande Conflito**: Ellen G. White Estate, 2021b. Disponível em: <http://www.egw writings.org/ebooks>. Acesso em: 11 set. 2025.

WHITE, E. G. **Primeiros Escritos**: Ellen G. White Estate, 2007. Disponível em: <http://www.egw writings.org/ebooks>. Acesso em: 11 nov. 2025

WHITE, E. G. The Promise of the Spirit, **Review and Herald**, Washington, D. C., v.85, n. 18, p. 8-9, 30 de abril 1908.

WHITE, E. G. **Testemunhos para Ministros**: Ellen G. White Estate, 2008a. Disponível em: <http://www.egw writings.org/ebooks>. Acesso em: 10 nov. 2025.

WHITE, E. G. **Testemunhos para a Igreja 6**: Ellen G. White Estate, 2004b. Disponível em: <http://www.egw writings.org/ebooks>. Acesso em: 19 nov. 2025.

WOLFF, H. W. **Joel and Amos: A commentary on the books of the prophets Joel and Amos**. [Hermeneia] Philadelphia: Fortress Press, 1977. Disponível em: <https://archiveorg/details/joelamoscommenta0000wolf/mode/2up>. Acesso em: 04 nov. 2025.

WORD BIBLICAL COMMENTARY, v. 31: **Hosea–Jonah**. Douglas Stuart (editor). Grand Rapids: Zondervan, 1988.